

## **A Paranóia e o Aparelho de Influenciar**

**JOÃO EZEQUIEL GRECCO**

### **RESUMO**

A proposta deste trabalho visa à discussão da psicose, e em particular da paranóia, do ponto de vista do psicanalista Victor Tausk, quanto à gênese do “aparelho de influenciar”. A partir de meu caso clínico, estabeleci relações teóricas com este conceito. Constatei a importância de resgatar a teoria da paranóia proposta por Tausk, bem como, na atualidade, pude encontrar fatos que sugerem manifestação do aparelho de influenciar em pacientes paranoicos. Por fim, discuto o filme *Uma mente brilhante*, a fim de ilustrar com a paranóia vivida por um matemático, ganhador do prêmio Nobel, se assemelha ao aparelho de influenciar.

**Palavras-chave:** Psicose, Paranóia, Aparelho de Influenciar.

### **RESUMEN**

La propuesta de este trabajo busca a la discusión de la psicosis, y en particular de la paranoia, de psicoanalista el punto de vista de Víctor Tausk, con relación al génesis del "la ropa de influenciar." Empezando de mi caso clínico, yo establecí relaciones teóricas con este concepto. Yo verifiqué la importancia de rescatar la teoría de la propuesta de paranoia para Tausk, así como, en la actualidad, yo podría encontrar hechos que hacen pensar en manifestación de la ropa de influenciar en pacientes del paranoico. Finalmente, yo discuto la película *Una mente inteligente* para ilustrar con la paranoia vivido por un matemático, ganador del premio Nobel, se nos parece a la ropa de influenciar.

**Palabras-clave:** Psicosis, Paranoia, Ropa de Influenciar.

*A saúde, sendo o estado normal do homem, não se explica e não pede para ser explicada. Mas todo ser que sofre procura descobrir o sentido de seu sofrimento. A doença*

*se apossaria de nós sem causa? Nosso corpo seria incendiado pela febre, sem erro de nossa parte, os ferros candentes da dor perscrutariam nossas entranhas sem objetivo e razão? Jamais a humanidade ousou levar a cabo esta idéia assustadora do absurdo total do sofrimento, coisa que bastaria para destruir a ordem moral do universo. A doença sempre lhe parece enviada por alguém, e o ser inconcebível que a envia deve ter suas razões para fazê-la penetrar justamente neste ou naquele corpo. Alguém deve querer mal. Ao homem que ela atinge, estar irritado com ele, odiá-lo. Alguém quer puni-lo por um erro, por uma infração, por um mandamento transgredido. Este alguém só pode ser aquele que tudo pode, aquele que faz soar o trovão, que derrama o frio e o calor, que ilumina ou vela as estrelas, ELE, o Todo-Poderoso: Deus. É por isso, desde o início, que o fenômeno da doença está indissolivelmente ligado ao sentimento religioso.*

S. Zweig, Nota de apresentação de Roland Gori, “A paixão da causalidade: uma fala em causa?”, *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, Escuta, 1998, v. 1; n<sup>o</sup> 2, p. 60

O estudo e a pesquisa em psicanálise inserem-se no exercício prático da clínica. Razões de ordem prática, ligadas a minha atuação como analista, pontuaram este trabalho, que trata dos sintomas e das manifestações da paranóia e cuja metapsicologia foi abordada a partir da teoria formulada pelo psicanalista Victor Tausk, ao tratar da construção e manifestação da “máquina de influenciar” na psicose.

A aceitação de processos inconscientes, o reconhecimento da doutrina da resistência e do recalçamento e a consideração da sexualidade e do complexo de Édipo são os conteúdos principais da psicanálise e os fundamentos de sua teoria, e quem não estiver em condições de subscrever todo ele não deve figurar entre os psicanalistas.

S. Freud<sup>1</sup>

A meu ver, o trabalho técnico desenvolvido por Tausk a respeito dos sintomas manifestados pelo paranóico não apenas se mantém na atualidade como pode ser de enorme

---

<sup>1</sup> J. D. Nasio, *O prazer de ler Freud*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, p. 10 (nota).

valia para a prática clínica. Foi o que pretendi demonstrar neste trabalho. Assim apresentei um relato clínico correspondente a essas manifestações.

Os fundamentos metodológicos que permearam este trabalho foram norteados, em primeiro lugar, por um levantamento bibliográfico psicanalítico a respeito da paranóia. Em segundo lugar, pela análise metapsicológica do sintoma vinculada ao relato clínico correspondente. Minha experiência clínica possibilitou-me o reconhecimento das manifestações psicopatológicas, permitindo um diagnóstico diferencial em relação às manifestações da paranóia.

A clínica — exercício e formação do analista — requer a disponibilização do inconsciente a serviço da técnica. Dessa forma, procurei seguir esses propósitos que dimensionam a forma analítica. Assim fui construindo minha formação como psicanalista e pude então, na prática clínica, reconhecer as manifestações vinculantes da linguagem do inconsciente, expressas nos exemplos da lógica do significante, a “tripartição estrutural real-simbólico-imaginário, que passou a constituir um verdadeiro novo paradigma para a psicanálise” (Jorge, 2002).

Essa manifestação inconsciente no paciente se estabelece na tripartição estrutural real-simbólico-imaginário, a linguagem inconsciente do recalque e do sintoma, enquanto no analista ela está na interpretação vinculada à técnica, isto é, na transferência e na contratransferência. Desse modo, o relato clínico apontou a ética e o exercício da técnica em si: levei em conta aspectos particulares do paciente, isto é, a manifestação da paranóia, possibilitando assim o início do tratamento (Freud [1913]1965).

A clínica é o lugar da escuta e da observação das manifestações transferenciais, as quais se manifestam no discurso e na postura do paciente, fatores indispensáveis para o início do tratamento. Mas esse caso clínico apresentou impedimentos nas manifestações das transferências, o que me conduziu a buscar uma condição para que fosse possível estabelecer um caráter de analisabilidade (Nasio, 1999) diante de todas essas manifestações paranóicas.

Se essas condições da paranóia conduziram-me a desafios no exercício da técnica, por outro lado levaram a efeito uma experiência singular traçada ao longo do processo terapêutico, isto é, um estado particular de atenção e expectativa. A partir disso, podemos responder à questão: *Qual é a essência dessa técnica?* (Nasio, 1999).

A essência dessa técnica analítica é o fundo estável que se decanta no psicanalista, à medida que a técnica instrumental é aplicada. A obtenção desse fundo estável significa a criação, no psicanalista, de um estado particular de *expectativa*, de uma expectativa escolhida, de uma disposição orientada, polarizada na realização de uma experiência singular.(Nasio, 1999).

As manifestações clínicas paranóicas que foram analisadas nesse caso levaram-me a um resgate de um posicionamento teórico que visava conceituar e analisar essas manifestações sob um novo enfoque. Assim proponho neste trabalho a análise da manifestação da paranóia sob a ótica teórica da proposta formulada pelo psicanalista Victor Tausk na construção da “máquina de influenciar”.

Diante da proposta deste trabalho, que é focar as manifestações da paranóia, faz-se necessário estabelecer parâmetros da abordagem dada pela psiquiatria atual e pela psicanálise. Constatei que a psiquiatria de nossos dias, diante dessas manifestações, considera transtornos delirantes características que a psicopatologia psicanalítica irá nomear como paranóia. Para a psiquiatria atual, as manifestações de transtornos delirantes se caracterizam como manifestações referendadas pelo CID10, DSM VI ou *O compêndio de psiquiatria Kaplan*. Por outro lado, a psicopatologia psicanalítica reconhece também essas manifestações, mas sua interpretação está voltada essencialmente para o entendimento metapsicológico do sintoma e os aspectos psicodinâmicos estruturantes dessa condição psíquica.

Apesar dessas interpretações diferentes quanto à nomeação do sintoma, minha proposta permanece válida, já que o objetivo final é a compreensão do sintoma e a manifestação da paranóia segundo a ótica teórica de Tausk, obtendo, assim, um sentido prático capaz de contribuir para uma disponibilidade interpretativa a mais adequada possível em relação a essas manifestações que o paranóico traz, engendra, constrói e vive permanentemente.

A proposta lançada para a compreensão das manifestações paranóicas do ponto de vista de Tausk, em particular na máquina de influenciar, caracteriza-se por aspectos particulares que o paciente acaba tomando e incorporando no seu psiquismo, fruto de sua capacidade intelectual e experiências de vida, sendo que irá construir idéias e fantasias onde

estará presente um mecanismo composto por engrenagens, fios, manivelas, condutores elétricos, etc.

Por outro lado, as idéias místicas de imaginário religioso acabam tendo um lugar privilegiado nessa construção, passando a ser uma manifestação que ocupará em grande parte as idéias de persecutoriedade. Dessa forma, suas manifestações persecutórias estarão vinculadas a idéias de megalomania e fantasias homossexuais.

Victor Tausk, em seu enfoque teórico, estabelece que essas condições de manifestações são vinculantes das primeiras relações objetais. Desse modo, os aspectos da projeção e da identificação irão ocupar lugar de relevância em sua teoria, o que, de certa maneira, estabelece algumas idéias fundamentais nessas relações objetais que serão mais tarde desenvolvidas por Freud em “Luto e melancolia” (1915[1917]).

Essas idéias de relações de objeto lançadas por Tausk também permitirão a Melanie Klein (1946) elaborar o conceito de “posição” e com isso fundamentar sua teoria analítica sobre a “posição esquizoparanóide” e a “posição depressiva” ao analisar a construção psíquica na criança. Procurei deixar evidente neste trabalho a relevância dos enfoques teóricos formulados por Tausk na manifestação do paranóico, com base nas condições clínicas reveladas pelo paciente em suas idéias paranóicas que atestaram a construção e a ação da máquina de influenciar.

O atendimento do paciente que manifesta um quadro paranóico resulta invariavelmente em desafios que acabam trazendo ao analista um certo embaraço. Constatei que o paciente paranóico que necessita estar integrado às condições normativas da técnica, acaba não sendo colaborador, por sua condição psíquica, em razão de suas idéias e fantasias de persecutoriedade, manifestações de megalomania e distanciamento afetivo. No relato clínico descrito, tais manifestações paranóicas não chegaram a constituir um grande impedimento para o processo analítico.

Nesse caso específico, o paciente encontrava-se preservado de sua relação social e mantinha relacionamentos interpessoais satisfatórios. Ele recorreu à análise por iniciativa própria. Assim foi possível estabelecer um contrato terapêutico (número de sessões, pagamentos, horários a serem cumpridos, regras sobre faltas, etc.). Ao longo do processo analítico o paciente demonstrou consistência na preservação das normas e deveres e sua capacidade de percepção do relacionamento interpessoal. As idéias persecutórias não

pedem licença, não respeitam tempo e espaço, manifestam e atuam envolvendo tudo e a todos.

Considerando, portanto, o conjunto de minhas práticas e reflexões, estruturei este trabalho em três etapas. No primeiro, descrevi minha experiência de um caso clínico, cuja patologia apresentava, em grande parte, os aspectos de uma psicose paranóica, que corresponde em sintoma e manifestação à máquina de influenciar proposta por Victor Tausk. No segundo, demonstrei os conceitos de paranóia sob a ótica da psiquiatria atual de acordo com sua nomeação adequada, bem como o olhar da psicopatologia psicanalítica. Apresentei os fundamentos teóricos propostos por Victor Tausk, com articulações das manifestações clínicas, e seu único caso clínico que serviu de referência para a elaboração de sua teoria. No terceiro abordei como o material clínico se encaixa nas hipóteses propostas por Tausk. Em contraponto propus uma análise do filme *Uma mente brilhante*, que pode ser compreendido à luz da noção do aparelho de influenciar, e concluí mostrando o que pude aprender e contribuir com este estudo, que visa compreender a manifestação da paranóia frente à construção e à manifestação do aparelho de influenciar.

Esse estudo torna-se particularmente relevante no mundo contemporâneo, com sua malha de relações e obrigações sociais, além dos aparelhos vigilantes do Estado, e com seu modelo neoliberal predominante, que massificam a cultura e a educação e levam cada indivíduo a lutar para manter seu *status* e obter reconhecimento. Assim todos desejam ser aceitos e notados, como se pudessem dessa forma obter êxito e valor. Por isso existe a procura constante para afastar o desprazer, que passa pelo corpo.

O corpo é um modelo físico aceitável pelo outro, é o deleite para o olhar que vem de fora, é a conduta e o comportamento vigiado, medido e previsto. Afinal a sociedade está sob o comando da vigilância e do olhar: o outro impõe o prazer e o desprazer, é preciso estar pronto para ser aceito e vigiado, sendo que nessa sociedade comandada pelo olhar da vigilância e do espetáculo, assim como pelo ideal da transparência, a razão paranóica se expressa no cogito, “sou visto, logo existo”, fazendo de cada sujeito um observador observado pela tele-visão do Outro (Quinet, 2002).

Deixo para o futuro indagações que gostaria de aprofundar, ainda dentro das manifestações da psicose, em especial as formas delirantes em que o aparelho de influenciar toma um sentido maior e onde os desafios clínicos serão de outra ordem.

A clínica da psicose se reveste de dificuldades que lhe são particulares. O diagnóstico e o manejo do discurso encarado como fonte persecutória por parte do paciente impedem as vinculações analíticas recomendáveis para o início do tratamento.

Foram por mim nesta dissertação abordadas as manifestações da paranóia, levando-se em consideração a importância de um diagnóstico diferencial. Para entender essas manifestações, tomo como referência teórica a metapsicologia psicanalítica. Adotei o enfoque teórico de Victor Tausk e sua análise da construção e manifestação do aparelho de influenciar do doente paranóico.

Levo em conta as estruturas psíquicas que o paranóico engendra e elabora para a construção de seu aparelho de influenciar, isto é, as naturezas místicas, que por alusão os doentes indicam em sua estrutura, composta de caixas, manivelas, engrenagens, fios etc.

Os doentes com cultura e informados valem-se de seus conhecimentos para intuir como funciona esse aparelho, e ao mesmo tempo permitem valer-se de suas experiências na sofisticação e aprimoramento. À medida que os recursos da ciência e da técnica estão ao seu alcance, valem-se disso para aprimorar seu aparelho, tornando-o complexo e sofisticado a cada investida que processa no agravamento do seu estado paranóico.

Do resgate teórico psicanalítico que busquei na proposta de Victor Tausk (1990), pude abordar a construção e a manifestação do aparelho de influenciar e constatei que, na atualidade, pacientes paranóicos constroem seus aparelhos de influenciar valendo-se de sua experiência e intelectualidade, além dos benefícios que a tecnologia do século XXI dispõe a qualquer indivíduo.

Existem atualmente condições que podem servir de aparato e conteúdo para essa construção do aparelho: as condições sociais, a religiosidade de vários credos e tendências da fé, a tecnologia da informática, entre outros recursos que a modernidade põe à disposição do indivíduo, facilitando sua vida e proporcionando prazer e lazer. Por outro lado, os estados de vigilância, controle e punição que presenciamos no contexto social vigente podem desencadear sentimentos, alusões ou idéias vinculadas a fatores persecutórios.

Você está monitorado por uma câmera de TV que vigia se excedemos o limite de velocidade ou se adotamos um comportamento inadequado em recintos públicos. Sua reclamação de uma prestação de serviço é gravada. Toda contemporaneidade possui

elementos maciços de consistência de fundo persecutório, o corpo “sarado” o gozo para o outro torna-se um ideal a ser perseguido e ao mesmo tempo perseguidor. A religiosidade é buscada em razão daquilo cujo conhecimento e controle estamos impedidos de assegurar. É um porvir da segurança e sucesso. É a emanção do sagrado sob várias formas, influenciando ou ditando idéias e pensamentos que se convertem em ações.

Meu paciente busca na doutrina espírita uma forma de enfrentar esse aparelho, acreditando que o que sente é influência de entidades espirituais que manejam seu corpo, impingindo-lhe dores de cabeça, coceira no nariz, dores de estômago.

Todo aparato desencadeante ou instigador da paranóia, voltado aos aspectos místicos, permeiam situações inerentes à contemporaneidade, nas formas amplas de uma idiosincrasia religiosa, em especial á nossa cultura. É verdade que a modernidade está representada pelo esforço do controle, mas ela significa a intenção da liberdade, a convivência com a diversidade do mundo, do espaço e da visão crítica (Santi, 2004). Dessa forma, a modernidade criou espaços para a articulação simbólica e sua relação com o mundo, que atingiu eficácia suficiente para que todos sejam paranóicos.

Se as razões da modernidade acabam sendo suficientes para o desenlace de aspectos paranóicos, o que não dizer dos pacientes paranóicos e suas manifestações. O diagnóstico diferencial indispensável e a clínica metapsicológica voltada para o entendimento das manifestações psíquicas calcadas no manejo do recalque, das pulsões libidinais do objeto, constituem caminhos para melhor compreensão e atuação das manifestações paranóicas, em especial do aparelho de influenciar.

Foi a partir dessa visão da clínica psicanalítica que enveredei por caminhos de pensamento sobre a condição conflitiva e inacabada do homem. A psicanálise não potencializaria o terror das forças repressivas e do retorno do reprimido (Santi, 2004). O retrato fiel traduzido pela modernidade em especial nas manifestações da paranóia caberia desde cedo nas interações interpessoais e na subjetividade imperativa no homem moderno. A cultura retrata ou denuncia fragmentos de conteúdo paranóico. Se eles são interpretados e mal conduzidos, podem levar as pessoas ao isolamento ou a manicômios.

O cinema traduziu em drama a história real de John Forbs Nash Jr., matemático e pesquisador, ganhador do prêmio Nobel pela sua descoberta da “teoria do Jogo” nas relações comerciais. Sua vida foi marcada por instabilidades emocionais. Ele tinha uma

obsessão por uma idéia original que acabou transformando em um quadro de esquizofrenia paranóica.

Sua paranóia manifestava um complexo de relações que o envolvia com a segurança nacional. Sentia-se com o dever de, na leitura dos jornais e revistas, achar um código de inimigos que mandavam mensagens codificadas preparando um ataque com bombas atômicas. Essa missão secreta é desencadeada por uma alucinação de que é contratado por um agente do serviço secreto, que lhe propõe uma missão para desvendar tal código, valendo-se de sua capacidade como matemático e pesquisador.

As idéias persecutórias passam a ditar seus pensamentos e comportamentos, afastando-o do convívio com as pessoas e achando que elas estão envolvidas com esses inimigos. O aparelho de influenciar tomado por ideação de laboratórios de pesquisa, dos recortes de jornais e revistas, passam também a se caracterizar pela figura das pessoas. Ele acredita que elas também são parte desse complô.

Essas considerações expostas aqui retratam que as manifestações da paranóia, em especial sob a ótica do aparelho de influenciar, podem-se caracterizar na atualidade pelas construções elaboradas pelo paciente a partir dos recursos que dispõe de sua intelectualidade e dos artefatos sociais no qual o paciente encontra-se inserido.

A paranóia e a nosografia psicanalítica frente ao saber de suas manifestações e os conteúdos metapsicológicos remetem-nos a refletir sobre os aspectos teóricos fundados por Victor Tausk, para podermos, diante das manifestações particulares contemporâneas, estabelecer uma leitura e uma escuta das manifestações da paranóia no que ela tem de representativo e significativo na construção psíquica do paciente.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRIMAN, J. (org.). *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo, Escuta, 1990.

CROMBERG, R. U. *Paranóia*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.

- DSM IV. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre, Artmédica, 1995.
- FREUD, S. (1912). “Consejos al médico en el tratamiento psicoanalítico”. In *Obras completas*. Madri, Editorial Biblioteca Nueva, 1973, tomo II.
- (1913). “La iniciación del tratamiento”. In *Obras completas*. Madri, Editorial Biblioteca Nueva, 1973, tomo II.
- (1915). “Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanáltica da doença”. In *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1987, volume XIV, pp. 297-310.
- (1923). “Neurose e psicose”. In *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1987, volume XIX, pp. 189-98.
- (1924). “A perda da realidade na neurose e psicose”. In *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1987, volume XIX, pp. 229-38.
- (1924). “La pérdida de la realidad en la neurosis y en la psicosis”. In *Obras completas*. Madri, Editorial Biblioteca Nueva, 1973, tomo III, pp. 2.745-7.
- “Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia”. In *Obras completas*. Madri, Editorial Biblioteca Nueva, 1910 [1911] 1973, tomo II, pp.1.489-90
- “El malestar en la cultura”. In *Obras completas*. Madri, Editorial Biblioteca Nueva, 1929[1930]1973, tomo III.
- ‘La Iniciacion del Tratamiento’. In *Obras completas*. Madri, Editorial Biblioteca Nueva, [1913]1973, tomo II.
- “Duelo Y Melancolia”. In *Obras completas*. Madri, Editorial Biblioteca Nueva, 1915[1917]1973, tomo II.
- GORI, R. “A paixão da causalidade: uma fala em causa?”. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, Escuta, 1998, v. 1, nº 2.
- *Psicanálise e linguagem — Do corpo à fala*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1977.

- IRIBARRY, I. N. “O diagnóstico transdisciplinar em psicopatologia”. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, Escuta, 2003, v.I, nº 1, pp. 53-7.
- JIMENEZ, S. “Victor Tausk — Identificação”. *Revista Tempo Brasileiro*. São Paulo, 1982, v. 70, pp. 123-30.
- JORGE, C. A M. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2002.
- KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. & GREEB, A. J. *Compêndio de psiquiatria, ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. Rio de Janeiro, Artmédica, 2003.
- KATZ, S. C. “O aparelho de influenciar: Pequeno acompanhamento”. In BIRMAN (org). *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo, Escuta, 1990, pp. 81-101.
- KLEIN, M. “Inveja e gratidão”. In *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, [1946]1991, v. II.
- KUSNETZOFF, J. C. *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- MELLOR, S. M. *A necessidade de crer — Metapsicologia do fato religioso*. Unimarco, 2004.
- NASIO, J. D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 185.
- *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- PONTALIS, L. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- QUINET, A. “As novas formas do sintoma em medicina”. *Revista Agora*. Rio de Janeiro, jul./dez. 1999, v. II, nº 2, pp. 27-35.
- (org.). *Na mira do outro: a paranóia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro, Marca d’Água, 2002.
- ROAZEN, P. *Como Freud trabalhava*. Tradução Carlos E. Lins da Silva. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- *Irmão animal — A história de Freud e Tausk*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

- SANTI, R. L. P. “A paranóia como crise da autoridade. Ou não é só porque você é paranóico que não tem ninguém lhe perseguindo”. *Psyche — Revista de Psicanálise*. São Paulo, jul.-dez./2004, ano VII, nº14, pp. 12.346.
- SIMANKE, T. R. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.
- TAUSK, V. “O aparelho de influenciar”. In BIRMAN, J. (org.). *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo, Escuta, 1990.
- “Da gênese do ‘Aparelho de Influenciar’ no curso da esquizofrenia”. Tradução Jorge Bastos. In BIRMAN (org.). *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo, Escuta, 1990.
- TELLES, S. *Fragmentos clínicos de psicanálise*. São Carlos, Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2000.

João Ezequiel Grecco, [jegrecco@uol.com.br](mailto:jegrecco@uol.com.br) Psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica PUC/SP, Professor Universitário – (Centro Universitário de Santo André – UNIA), Rua José Getúlio, 217 / 23 - Aclimação SP – Cep: 01509-001